



PAULO BERTRAN

Paulo Bertran Wirth Chaibub nasceu em Anápolis em 1948, filho de Tufi Cecílio Chaibub (ascendência árabe e goiana de família tradicional) e Maria Helena Wirth Chaibub (ascendência suíça/franco-alemã e uruguaia/basca). Faleceu no dia 2 de outubro de 2005.

Cerratense, goiano, professor e historiador do Centro-Oeste brasileiro, estudou no Ateneu Dom Bosco de Goiânia, depois graduou-se em Economia na Universidade de Brasília. Fez Pós-graduação em Planejamento em Estrasbourg, França e pelo Cendec/IPEA, em Brasília. Foi Diretor do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central, da Sociedade Goiana de Cultura/Universidade Católica de Goiás. Integrou as Academias Brasileira de Letras, de Letras e Artes do Planalto, Pirenopolina de Letras e dos Institutos Históricos do Distrito Federal, de Goiás e de São Paulo. Realizou diversas pesquisas e documentos para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e para outras instituições culturais goianas, como a Casa de Cora Coralina. Conselheiro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan, na qualidade de representante da sociedade civil, de 2000 a 2004.

Cidadão Honorário Brasileiro, por outorga da Câmara Legislativa de Brasília e Cidadão Honorário das Cidades de Goiás e Niquelândia, por outorga de suas Câmaras Municipais.

Autor de vários artigos e livros sobre o Cerrado e o Centro-Oeste brasileiro, sua obra tornou-se referência para a história e a cultura goiana.

Criou em Brasília, junto com Maria das Graças Fleury Curado, o Memorial das Idades do Brasil e o Instituto Bertran Fleury, a que se dedicava intensamente nos últimos anos.

Como se vê, seria impossível deixar de registrar, ainda que tão resumidamente, os feitos do *cerratense* Paulo Bertran. Entendo que esse neologismo que tanto prezou e divulgou significa mais que cidadania, simboliza o ecúmeno – natura e cultura – desta vasta região sul-americana. Penso que o rigor acadêmico só lhe permitiu usá-lo no título de sua única coletânea poética publicada – *Cerratenses*.

Reivindico todas as honras ao cerratense Bertran, quem inoculou em mim e tantos outros essa mistura saudável de história, causas e bem-querer.



Por isso acho que sei agora o que é ter convivido com um vulto histórico. Por ele vislumbramos o umbral e a vereda cósmica (buritizal). Se foi em meio à nímia bruma setembrina, anjo imediato.

Do Paulo ficou em nós o predomínio do cerrado, um jeito de ser acima de tudo generoso, superando imperfeições. Mesmo assim, Paulo, caro, estamos muito bravos só de pensar que podia ter te cuidado um pouquinho mais, ter celebrado tantas Graças...

Podia então ser, estar, muito mais. Fazer o quê? Essa orfandade histórica, embora triste, já é como sua obra – magnífica. E as lembranças têm a graça das janelas escancaradas para o mundo, sorridentes.

Os generosos bebem da vida em largos goles, por isso, como o cerrado, nele havia um lado um tanto solitário, melancólico, noturno (como os de Chopin) e outro solidário, portal do humanismo histórico, por onde tanto procurou como ofereceu regaços dos amores e dos saberes.

Pediu para restar em Goiás, a velha Vila Boa, primo Arraial de Santana.

Foi seu desejo de cidadania eterna, seu amor e orgulho da raça cerratense.

José Leme Galvão Junior (Soneca)
Arquiteto